

# EM TÔRNO DE UM CONGRESSO

**A**O abordar, num destes comentários, a imaturidade do pensamento filosófico entre nós, tive ocasião de referir-me ao Congresso Brasileiro de Filosofia, recentemente reunido em São Paulo, para dizer que nele se evidenciava aquela imaturidade de modo, por vezes, alarmante.

Agora, graças à obsequiosidade de seu principal organizador e animador, o professor Miguel Reale, pude melhor conhecer, através dos "Anais do Primeiro Congresso de Filosofia", datados de março de 1950, mas só impressos ultimamente, o significado e sentido de uma reunião que teve em mira, nas próprias palavras do então reitor da Universidade de São Paulo, a finalidade de se "assentarem as bases de um entendimento mais direto e permanente entre os que se dedicam aos estudos de ordem filosófica em nossa terra".

Desse melhor conhecimento devo confessar, aliás, que não tirei motivos para modificar minha primeira opinião. De um número considerável de trabalhos apresentados, aceitos e discutidos, não parece grande afoiteza afirmar que se notabilizaram, em realidade, por uma bisonhice, direi até por um primarismo visíveis já ao primeiro relance, mesmo para os leigos nestes assuntos.

**E** claro que tal circunstância não chega, por si só, a depor contra a iniciativa do Congresso, salvo na medida em que tenderia a revelar nos seus autores a ausência do critério rigoroso de seleção que seria plausível. Pois se entra algum mérito em iniciativas desta natureza, será precisamente o de favorecerem encontros de idéias fundamentais para qualquer ação duradoura e fértil. E a própria tolerância com que se houveram, neste caso, os organizadores da reunião, já não denunciaria uma generosa paciência de construir e de estimular novas construções?

Por esse lado, e com todos os vícios de origem, não será excessiva benevolência dizer-se, como o disse um dos seus mais ilustres membros, o representante de Minas Gerais e de sua Universidade, que o Congresso constituiu um dos marcos decisivos para se "fixar d'oravante, depois dos insanos esforços isolados do século XIX, e dos primórdios deste século XX, o desenvolvimento da inteligência brasileira no que ela tem de mais apurado, isto é no que diz respeito às coisas da filosofia". O outro marco, ainda segundo o professor Versiani Veloso, fôra o decreto-lei que, em 1939, atendeu à necessidade de formação dos novos professores criando faculdades de filosofia em todo o país.

O aspecto realmente positivo do Congresso terá sido, a meu ver, o de espelhar tão fielmente quanto possível o panorama do pensamento filosófico entre nós, com todos os seus altos e baixos. Sem esse trabalho prévio, dificilmente se poderiam fixar as diferentes diretrizes atuais desse pensamento. E ao menos uma vantagem importante ele pôde revelar, quando sugeriu a possibilidade de convivio eficaz entre representantes das correntes mais diversas e mesmo divergentes. Até há pouco parecíamos inconcebível a idéia de que cada uma das diferentes visões do mundo pudesse ser expressiva de um aspecto da verdade, de uma determinada perspectiva sobre a totalidade do real. A filosofia era como um sucedâneo, um *ersatz* para a religião, e explica-se, assim, que os mais intransigentes e devotos nestes domínios da especulação não fossem necessariamente os menos suspeitos de filiações e de simpatias eclesiásticas.

**A** essa, que tem representado com frequência dos escolhos mais decisivos de nossa filosofia, eu juntaria outra falácia, mais recente e não menos grave, que se poderá chamar, com pouco exagero, a falácia paroquial. Mais própria, sem dúvida, de mitólogos do que de amantes do saber, ela consiste na tendência para substituir-se aquele exclusivismo da Verdade absoluta e unívoca, o das pequeninas "verdades" particulares: nacionais, tradicionais, culturais, climatéricas, folclóricas, cívicas, edificantes, salubres... Verdades

Sergio Buarque de Holanda

com adjetivo, e que, segundo essa atitude, importaria não só acatar com obediência, mas principalmente cultivar com desvelo.

Desse paroquialismo não andaram, infelizmente, imunes, muitos dos que cooperaram para o brilho deste Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. Que outro sentido podem ter, para citar um único exemplo, as razões invocadas por um dos ilustres congressistas para enaltecer a figura e a obra de Maurice Blondel? "Ora", escreve, com efeito, o sr. Alcantara Silveira, "uma filosofia que convém ao Brasil é, sem dúvida alguma, a filosofia de Maurice Blondel. Vários são os motivos que nos levam a nós inclinar pela adoção dessa filosofia pelo brasileiro, dentre os quais salientamos o seu conteúdo otimista". Depois dessas linhas, nada melhor, talvez, para um bom discípulo de Blondel, do que folhear aquelas páginas de 1939, em seu escrito sobre a civilização da paz, onde precisamente se denunciam as filosofias particularistas e "convenientes" como negadoras e exterminadoras de todas as doutrinas de transcendência, entre as quais a sua se inscreve.

**E**MBORA não se trate, ou já não se trate, propriamente, de uma "filosofia da moda", o fato de só há pouco se ter completado a publicação de sua *Suma* torna explicável a adesão ao menos declarada ao blondelismo de mais de um dos congressistas reunidos em São Paulo. Por outro lado, e apesar da exceção importante do sr. Vicente Ferreira da Silva, as filosofias da existência parecem ter suscitado só uma curiosidade assídua mas superficial e poucas vezes benévola. E' que entre nós a moda do "existencialismo" se tem restringido em geral à esfera das belas letras.

O interesse que, entre as novas gerações, continua aparentemente a despertar o movimento da renovação tomista também não se refletiu muito vivamente nos trabalhos da reunião. Contudo essa corrente esteve representada por alguns dos seus veteranos, e seria injusta silenciar sobre uma tese como a do sr. Alexandre Correia — sobre a "Noção da Análise da Filosofia Grega" —, que constituiu, sem dúvida alguma, dos pontos mais altos do Congresso. Não faltou o bergsonismo, com um representante ao menos: o sr. Jessé Santos. Nem o marxismo, com um trabalho de um dos seus adeptos mais ilustres e capazes, que aos temas estritamente filosóficos preferiu, no entanto, o das relações de raças. Compareceu ainda meu velho amigo Oswald de Andrade, cuja tese sobre "Um aspecto antropofágico, da Cultura Brasileira — O Homem Cordial" deixou de comentar por falsa modéstia.

Para muitos, uma surpresa proporcionada pelo Congresso terá sido a presença de um adepto genuíno do neo-kantismo da Escola

de Baden: o jovem pensador brasileiro Renato Cirell Czerna, que não há muito publicara um livro sobre *Natureza e Espírito*. Deve-se notar, aliás, que o ponto de vista do próprio presidente da reunião parece ter alguma afinidade com essa corrente de pensamento. Já no prefácio ao livro do sr. Czerna, o professor Miguel Reale tentara comparar a presença de Kant, como um motivo de filosofar, a certas roupagens vegetais que "assinalam as terras mais ricas de humus".

Outra surpresa, ao menos para aqueles que, desde Jackson de Figueiredo, insistem em discernir no pensamento brasileiro uma inclinação constante para certo panteísmo amorfo (Farias Brito?) e antirracional, foi a vitalidade demonstrada pelas correntes associadas ao positivismo. Pode-se dizer, sem muito exagero, que temos também uma espécie de constante positivista, tomado o vacábulo *lato sensu*, já revelada ao tempo do Império com os numerosos discípulos brasileiros de Comte e de Littré, e que passando pelo empiricismo, vem desembocar agora nas tendências neo-positivistas e logicistas.

**P**ARTICULARMENTE significativa, a esse respeito, foi a recente "conversão" de um dos mais abalizados mestres do pensamento filosófico entre nós. Depois de contato mais estreito com o moderno pensamento filosófico anglo-saxão, vimos que o sr. Erialo Canabrava não hesitou em abandonar, como se abandonam trastes inúteis, tudo quanto formava até então seu círculo de interesses no terreno da filosofia. O qual, se não estou esquecido, abrangia desde a fenomenologia de Husserl até à caracterologia de Klages.

Mas não se descrevia adequadamente essa evolução, ou melhor essa revolução nas suas tendências intelectuais, sem frisar, ao mesmo tempo, a atitude de independência que consegue guardar em face dos novos métodos. Insatisfeito com as limitações até agora características e que, em realidade, parecem constitutivas do neo-positivismo, ele procura demoradamente superá-las. Creio que em seu escrito anterior sobre a natureza da filosofia já se assinalava vagamente a possibilidade de tal superação. A leitura, mas tarde, dos estudos de epistemologia genética de Jean Piaget teria reforçado sua convicção de que é lícito um conhecimento genético-funcional ao lado do conhecimento matemático formal. E pela expressão genético-funcional quer abranger, não apenas a formação ou genese psicológica, mas ainda a formação ou genese histórica. Neste sentido acentua sobretudo para as contribuições de Cassirer no domínio da história das idéias.

Até onde será bem sucedida sua tentativa ambiciosa de formaliza-

ção dos setores da experiência psicológica, histórica e social? Não será, talvez, ocioso, lembrar que Cassirer só chegou aos resultados que invoca o sr. Canabrava, graças a uma posição bastante similar à de Dilthey onde este distingue as ciências culturais ou humanas das ciências naturais. Distingão esta que o nosso pensador não deixa agora de repelir com ênfase, por que lhe parece depender de noções "imprecisas e indefiníveis".

E eu lembraria, mais, que em livro de 1934 (*Freedom and Organization*), outro mestre invocado em uma das suas teses — Bertrand Russell, chegou a declarar categoricamente que só "por meio de falsificações e omissões" a história poderá sujeitar-se a uma formalização científica.

E' claro que estas considerações não devem entender-se como tentativa de refutação às teses do sr. Erialo Canabrava. Nem a idéia de uma refutação cabe nos propósitos ou na competência do autor deste comentário. Mas servirão, sem dúvida, para sugerir as dificuldades que há de enfrentar, forçosamente, quem procura formular em novos termos um problema que há trezentos anos vem desafiando a argúcia de filósofos e sábios.

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625 - São Paulo.